

PAZ E CONFLITO – VISÃO SISTÊMICO-FENOMENOLÓGICA
Do Livro *Cultura de Paz – restauração e direitos.*
Marcelo L. Pelizzoli (org.) - Ed. da UFPE, 2010.

Marcelo L. Pelizzoli¹

Estimado leitor, pretendo aqui levantar questões e tópicos que se encadeiam para pensar de modo sistêmico o fenômeno *conflito e paz*, a partir da idéia de uma rede ou campo que aí se oculta, e que pode ser encontrada sob a visão e ação da chamada **Cultura de Paz**. Cada tópico se completa, pois é um olhar sobre um fenômeno complexo que chamamos de violência e encontro da paz. O entendimento desta dialética, desta relação inextrincável e tão encarnada em nossos anseios, traz luzes profundas para o nosso auto-entendimento como ser conflitivo, a saber, social.

O título que proponho é inspirado em Bert Hellinger, criador da terapia sistêmico-fenomenológica, ou “Constelações Familiares”, na qual fiz formação e pesquisa na interface com outras compreensões e soluções de conflitos humanos. Não obstante, levo o leitor aqui a idéias que encontram pontos de inflexão em outras inspirações. Quando falo em *cultura de paz*, tenho em mente sempre algumas temáticas-chave que abrem o entendimento inicial deste(s) fenômeno(s), tais como: o tema da Sombra e do Mal vindo de Nietzsche e passando por Jung; o tema da Justiça Restaurativa, modelo exemplar e originário de mediação e resolução de conflitos, sendo esta acompanhada da Comunicação não violenta de M. Rosenberg, a qual tem gerado efeitos muito benéficos cada vez mais, como potente olhar relacional e ferramenta de comunicação; igualmente, a filosofia da Alteridade (Levinas, Foucault, Heidegger...) pensadores exemplares, apesar de herméticos em alguns momentos; a orgonomia pós Reich, em aspectos bioenergéticos; a psicologia budista tibetana com sua profundidade mental-emocional e concretude humana exemplar, entre outros. Certamente, muito vale é a experiência de cada um, aquilo que conseguimos experimentar (*ex-peiras*: ir além do limite posto). Momentos de desafios externos e internos, os dramas de cada um e como se lidou e aprendeu com eles, as possibilidades de superar a visão reducionista - seja ela racionalista, seja ela dogmático-familiar e de contexto aprisionador; ou institucional, como quando não se consegue ver mais longe, e perceber como todos “estamos no mesmo barco”, ou seja, somos co-dependentes dentro de uma teia da vida que sempre nos antecede, ultrapassa e reverbera.

Como pincelei mais acima, trata-se de pensar numa constelação social, pressupondo dar contas do fluxo do que mantém (vínculos) os grupos em equilíbrio relacional, e o que os pode fazer superar bloqueios, exclusões, marcas negativas (ex: a vocação à vingança) – elementos aqui pensados como base da violência. O uso do termo “fenomenologia” pode ser pensado tanto como descrição recorrente e interpretativa do que aparece e se mostra apenas pelo filtro do nosso olhar, ou conjuntamente como busca dos elementos ocultos, latentes e sutis que sinalizam estar presentes por baixo de situações que não entendemos em profundidade.

Em outras palavras, trata-se também aqui de ligar condições externas sociais com condições internas dos sujeitos e suas subjetividades. Jung diria: quem olha apenas para fora, está sonhando; quem olha para dentro, acorda. Mas para entender isto, é preciso entregar-se á outra experiência, é preciso colocar-se outros pontos de vista, mais amplos, sistêmicos. Por outro lado, o desafio de entrar no complexo de enredamentos do conflito e da violência, é manter o foco nas soluções que parecem mais simples, quando a vida (relações, trocas...) se torna mais simples, aberta e direta, proximidade e *diálogo* humanos em meio a distanciamentos contínuos.

I - Paz e conflito na visão sistêmico-fenomenológica – constelações familiares e sociais

Pretendo nesta parte, organizar o texto para responder às seguintes questões que me coloco como orientação:

¹ Dr. em Filosofia. Prof dos PPGs Filosofia, PRODEMA e Saúde Coletiva da UFPE. Membro do Grupo de Pesquisa e Extensão Ciência e Cultura de Paz da UFPE. opelicano@ig.com.br

- 1 – O que motiva, no fundo, o conflito ?
- 2 – O que significa deslocar a vontade de extermínio?
- 3 – Qual é o efeito da vingança envolvido no conflito?
- 4 – O que é a boa consciência e seus efeitos ocultos ?
- 5 – Que relação tem o conflito com o Novo, alteridade ?
- 6 – O que significa “internalizar o rejeitado” ?
- 7 – O que é o Campo (e suas relações com a consciência)?
- 8 – Como se pode pensar, nestes contextos, a Paz ?
- 9 – O que é paz interior ?
- 10 – Como então promover Paz ?

Numa análise mais interativa da violência, podemos dizer que por trás dos conflitos rege uma vontade de sobreviver. Para Levinas, isto seria dito como *conatus essendi*, ou seja, a força que nos motiva para afirmar nosso ser, auto-afirmação do ego, espraiando nossa existência pessoal e buscando seu lugar no mundo, com proteção, recursos, posses etc. Tal vontade, já para Hellinger (também para Levinas), é a que alimenta, infelizmente, a chamada “vontade de extermínio”. A agressão, em geral, tem o sentido de retirar os obstáculos do caminho, de liquidar os impedimentos; ou então, de incorporar e apropriar-se do outro, e de sua alteridade. Há como que um “canibalismo” velado ainda hoje nas sociedades; há grupos que vivem e enriquecem em cima doença alheia por exemplo, e o fazem tentando perpetuá-la; ou grupos que são como que “papa-defuntos” de prontidão; há grupos que vivem da dor do outro, da sua ingenuidade, da sua solidão, velhice, fragilidade, falta de confiança em si e na vida. Há verdadeiros vendilhões dos templos e *shoppings* crescentes que vendem felicidade artificial e rápida, feito *fast food*. (Já em relação aos seres **não** humanos, a crueldade, a indiferença, a dilapidação e extermínio são gritantes, sendo outro sintoma claro da vontade de subsumir ou matar que habita sutilmente às vezes os bons corações, religiosos, moralistas, intelectuais etc.)

Continuando o argumento, apoiado em Hellinger (2007), sabemos que o conflito doloroso/negativo² pode levar a situações de desagregação social graves; é por isto que as sociedades lançam mão de recursos, meios de pacificação, de resolução, acordos, fronteiras, políticas, apoiados na legislação e jurisdição aceita pelas partes. Portanto, a representação jurídica busca manter os conflitos dentro de certos limites (cf. Hellinger, p. 14). Daí o papel essencial do Estado e seus aparelhos, papel este que pode deslizar quando corrompido. Esta é, contudo, uma ordem que se estabelece do exterior, e que como diria Hobbes, baseia-se no medo, na coação, no policiamento, na força e coerção. É por isto útil, mas frágil, externa ao cerne da vivência. Há, é claro, o ideal de “internalizar a norma”, tão ditado no Direito; mas percebe-se logo que uma outra instância faz-se necessária surgir para dar contas da violação e da vontade de consumir a *alteridade*.

Freud (leia-se por exemplo *O mal estar na cultura*) concordaria que é necessário a pressão social, a coesão e coerção de um Poder maior e agregador, visto que a sombra e agressão que habita o animal humano são enormes. Hellinger seguirá ponderando que a *vontade de extermínio* (nossa questão 2) não se apaga facilmente, pois é mais encarnada do que pensamos, está como que anterior à Razão. O que costuma, sim, ocorrer com ela são deslocamentos; ela pode estar habitando áreas diversas, como exemplo a política, ou momentos e instâncias onde a competição se instaura, e a necessidade de vencer se acirra. Como sabemos, não é incomum ver manifestações de agressão e violação do outro, impaciência e ofensas, calúnias, mágoas, raiva de diversos modos, expressas sutil ou grosseiramente, adulta ou infantilmente, em grupos políticos, acadêmicos, no mundo empresarial etc. A destruição moral do outro é um ponto claro da vontade de afirmação de si e de extermínio do outro ou de sua alteridade, portanto, de sua dignidade.

Tal situação, como que por contágio, tão encarnada na dimensão social, é praticamente

2 Diferencio entre conflito no sentido positivo e o negativo, sendo o primeiro fruto da própria natureza da relação social e que leva a um aprendizado, tem elementos de resolução; o segundo é uma quebra e leva a reverberação oculta, maior, ou corrosiva – de violências. Faça isto inspirado na CNV, de M. Rosemberg.

inescapável ao indivíduo comum que somos. O perigo é constante, por vezes nos encontramos à beira de ser atacado e de responder com ataque, renovadamente, a perpetuar assim o que chamamos de *reverberação de violência*. Violência gera violência, chavão a considerar. Uma vontade atíca a outra, e esta outra, ela poderá sentir-se justificada pois foi atacada; mas o que pode estar ocorrendo na verdade é uma nova possibilidade ou válvula de escape para a violência que habita a todos eles (nós).

Hellinger observa, contudo, que não este não é o único motor da violência; o outro é a própria necessidade de equilíbrio entre o dar e receber, ganhos e perdas. Alguns chamam isto de necessidade de *justiça*, fazer justiça, manter a balança equilibrada (cf. idem p. 15). De fato, a justiça tem este sentido, e nos sentimos muito frustrados e feridos quando há um desequilíbrio neste processo, nesta estabilização da troca no social. Caberia aqui lembrar da obra de Marcel Moss (e no Brasil, de Paulo Henrique Martins), que aborda profundamente e em rede o equilíbrio social pela *teoria do dom*, da regulação entre dar e receber – o que mantém a coesão social, unidade, “paz” entre os diferentes.

Veja-se que o uso da vingança tem um sentido. Não devemos olhá-la simplesmente como violência apenas abusiva, patológica e sem objetivo. Ela nasce neste contexto de equilíbrio do dar e receber. A famosa Lei do Talião insere-se aí, “olho por olho, dente por dente”; ela contém uma vontade de equilíbrio, e pode ser interpretada também como regulação para não ir além do dano sofrido, ou seja, dar igual retribuição no dano, e não a mais do que foi feito. Mas, enquanto vingança, tal ação traz consigo problemas intrínsecos, que são respostas de violência, e também o hábito de responsividade, automatismo pouco refletido e não livre. A saber: quando em geral é feita não como correção ética ou mesmo como consideração humanizante, mas como motivação na raiva, e por fim pela vontade de extermínio. Quando na vingança se ultrapassa a necessidade de compensação, traz-se um novo problema ao conflito, e um novo desequilíbrio é trazido; há perda de fluidez e deslocamentos de compensação. O outro poderá responder então na mesma moeda. Já neste patamar, escorre pelas mãos o ideal de justiça e harmonia (cf. idem 15).

Consideremos pois que a vingança, em geral, não é a melhor opção. Cedo ou tarde, trará consequências sistêmicas, basta ver as suas reverberações familiares, como ela permanece por mais de uma geração, mesmo quando não compreendemos mais sua causalidade inicial. As constelações familiares trabalham bem este problema; as dívidas e marcas carregadas inconscientemente pelos que herdaram a violência dos anteriores pesam e aparecem, e assim, precisam ser cuidadas. Com isto respondemos à questão 3.

A quarta questão pede explicar a **boa consciência**. Todos nós gostamos de ter e estar inseridos na boa consciência, ou seja, seguros da verdade, justificados, e assim julgar o certo e errado. A jogada de Hellinger aqui é mostrar que a própria boa consciência une-se também à vontade de extermínio. E é bastante plausível e interessante o argumento, perceber que quando julgamos o outro com nossos valores, quando o condenamos a partir de nosso patamar de *bons, nós X eles*, o fazemos em geral em nome de nossa *família*, em nome de nosso grupo – ou seja, aquilo mesmo que assegura nossa sobrevivência e excita os ânimos – e excita a vontade de extermínio, de ataque como defesa ou como aumento de força e poder mesmo (cf. idem, 15). A pergunta que se deve fazer, quando estamos tomados pelo orgulho, pela idéia de justiça nossa, pela coragem de atacar é: esta consciência que nos guia, agora, é nossa de fato? É ela uma boa resposta ao conflito? Já temos exemplos fartos de guerras santas pelo mundo afora, até dentro das famílias.

Isto nos lembra o **Bode expiatório**: a prática muito primitiva, antiga, do sacrifício animal (e algumas vezes humano) para expiar algo de peso, pecado ou questões morais envolvidas num grupo ou família. O bode tem o papel de apaziguar o peso inconsciente; ele expia, paga por todos. É uma saída criada no seio dos grupos para lidar com obstáculos de sociabilidade, com tabus e compensações, com o nível simbólico, que de fato é fundamental no funcionamento de um grupo.

Torna-se muito difícil fazer evitar violências quando um grupo ou uma pessoa está conduzida, ou até hipnotizada pela boa consciência. Ele, aí dentro, pode linchar alguém, pode

condenar, pode matar e estará estabelecido ainda como bom, em nome do *nós*, da coesão e manutenção do núcleo de apoio. Muitos são os apelos que fundaram ditaduras, como aquelas do *apartheid* nos EUA e depois na África, na morte dos inimigos do Estado ou da CIA, na morte de fome de milhares de pessoas com bloqueios econômicos; na “guerra contra o terror”. A violência e matança tem corrido solta e apoiada até por grande parte das populações de estados democráticos. Como isto se justifica? Mortes nas Tvs como em Vídeo Games. Boa consciência, amor à pátria, defesa nacional, proteção, segurança. Portanto, o diagnóstico de Hellinger é que em geral são vãs as tentativas de resolver grandes conflitos apelando para a justiça e para a boa consciência (cf. idem, 16).

Deste modo, podemos entender que a boa consciência pode gerar um zelo cego, sentimento exaltado em nome da inocência e vinculação ao próprio grupo que lhe dá identidade – e o apego à identidade é algo arraigado e perigoso, abre-se o caminho das violações. Indivíduos oferecem-se como sacrifício no altar de ídolos tiranos, fanáticos, numa cegueira assassina, num delírio (cf. idem, 18). O indivíduo é engolido pela energia da massa, ou pela idolatria, coletividade anônima por exemplo, exaltação, e com isto os riscos desta superioridade e deste povo ou grupo ou burguesia – os eleitos – são enormes.

Com isto respondemos à questão quarta. A quinta questão liga-se novamente com tudo isto; toda consciência é consciência de um grupo, que tem hábitos e normas estabelecidas, modos de ser. E quando aí o **Novo** se apresenta, se apresenta como diferença, e portanto pode representar ameaça.

Estamos novamente no coração da perspectiva da *alteridade*, tão cara a Levinas por exemplo. Mas também Jung nos diz que o desafio maior para os seres humanos talvez seja a real aceitação do outro. Teoricamente, ninguém nega que devemos nos aceitar, e pelo menos ouvir o outro, mas, na prática, colocando a hipocrisia de lado (num difícil exercício), a tendência é muito forte em relação ao afastamento da alteridade. Fazer disso aprendizado, o sabemos teoricamente que trata-se de um grande ideal. Mas como encarnar, como pôr corpo e *habitus* em tal empreitada, em tal ótica ética? Aqui caberiam as várias motivações, disposições e terapêuticas citadas na introdução. Como flexibilizar e dar leveza à diferença que se me apresenta, e não a tomar como um peso... Em geral, o peso é apontado no externo mas sentido no interno – incrustado no nosso modo de pensar e ver as pessoas, na normalidades que apoiamos, e então encravado em nossas emoções. É nesta corrente emocional, mental e corporal – sempre cultural, e quiça espiritual – que grandes tradições terapêuticas e espirituais convidam a trabalhar. Neste sentido, concordo com autores como Ferdinand Rohr (aqui nesta obra), ou mesmo Dalai Lama (*Ética para o novo milênio*, por exemplo), de que a paz interna é de fato fundamental, e que a grande revolução é algo espiritual, entendida aqui como não religiosa, mas como vivência de amor, bondade e compaixão básicos. Hellinger chegará a isto também pela *paz interior* e sistêmica, experimentada na “alma” pessoal-familiar de cada um, especialmente quando alguém faz uma constelação familiar em um grupo terapêutico e pode fazer a energia do amor correr adequadamente. O antigo neste momento parece casar-se com o novo. Mas tal tecnologia ou magia humana não é artificial, pode ser vivida em rodas simples de encontro, reconciliação, celebrações etc.

Enfim, abrir-se ao novo talvez seja fluir com o tempo, com a natureza (com o Tao, diziam os taoístas), fluir no rio heracliteano da vida, na verdade da impermanência que não precisa ser budista pois todos sabemos bem, no fundo, o que é estar exposto à mudança inexorável da vida, do micro ao macro. Se nossa mente se fixa, e se criamos imagens de nos mesmos fixas e do mundo igualmente estático, para possuí-lo e possuir assim o outro, nosso sofrimento decorrente deste apego somente aumenta o sofrimento. E reverbera, volta-se para fora, insatisfeito. Portanto, lidar com o novo é cultivar uma sabedoria da impermanência, habilidade de ceder, de ver o outro lado, de saber perder, de saber deixar ir, pois a morte de cada dia e a morte final parece ser um grande ensinamento, mesmo que doloroso. A alegria não deveria ter medo da morte. O bom humor diante da própria precariedade e estratégias egóicas é fundamental.

A sexta questão que trago evoca a **internalização do rejeitado**. Como diz Hellinger, quando alguém sob o influxo da boa consciência rejeita alguém, uma outra instância psíquica, como um regulador social internalizado, força-o a dar lugar ao rejeitado no nível de sua alma (psique) (cf.

idem, 16). Isto se evidencia, segundo o autor, pelo fato de o sujeito sentir em si algo que rejeitou no outro, por exemplo, a sua agressão. Ele não se volta mais contra as pessoas rejeitadas, mas contra outras que de algum modo estão associadas a ela. Ou então, podemos ver isto sendo remetido a pessoas mais fracas. “Contudo, de uma maneira estranha e compensadora, uma instância interior oculta leva essa boa consciência ferir-se na própria arma e a fracassar” (idem, p. 17). É sabido que Hellinger sustenta a teoria sistêmico-fenomenológica, e o faz com prioridade para o que aparece na suas práticas de décadas com conflitos familiares e outros. Mesmo não adotando a teoria, podemos concordar pelo menos em geral quando vemos que a reverberação da violência é algo presente hoje de forma larga, podendo-se perceber que se sente os próprios efeitos da violência sobre os rejeitados, sejam eles violentos ou não. Trata-se, no mais, de pensar sistemicamente e com a noção de Campo.

Podemos também nos apoiar em Nietzsche, Freud e Jung para validar a perspectiva de Hellinger, na medida em que surge um tipo de transferência e de projeção bem evidente pela questão da Sombra (ver meu artigo no livro *Cultura de Paz – alteridade em jogo*, EDUFPE, 2009). Projetamos no outro, temos boa capacidade de ver e processar aquilo pelo qual temos filtros e temos *softwear* em nós. Vemos o dentro do lado de fora. Crianças em geral não vêem sutilezas de 'maldades' onde nós adultos por exemplo vemos. O que rejeitamos em nós, e difícil de engolir, o vemos bem no outro, sintomatiza-se na projeção, na face alheia. O outro é um bom espelho !

O espelho está dentro de uma integração, estranha e não notável por vezes, pois se olha as coisas de modo muito individualizado e separado, sem co-dependência; falta a integração sistêmica bem vista na noção de **campo**, o convite da sétima questão. Habitamos um campo comum, seja ele pensado fisicamente, magneticamente, energeticamente, psiquicamente. Para aprofundar melhor em termos biológicos cabe ler as obras de Ruppert Sheldrake (ver na bibliografia final). Este biólogo cunhou a idéia atual de campos mórficos, ou de ressonância. É como se houvesse uma memória comum e relativamente acessível dentro de determinados campos de forças, ou relações, no caso. Seria como uma mente ampliada, *extended mind*. É útil lembrar aqui como os animais e o homem também tem o que chamamos de instinto para saber lidar com os desafios; nosso corpo ou natureza já sabe de muitas coisas e não precisamos dizê-las. Uma criança ou bebê desenvolve capacidades e disposições familiares, sociais e de inteligência em geral de uma forma extremamente rápida, e quase que automaticamente. A relação entre plantas e animais, o próprio uso das plantas, a relação com o clima, sem falar de disposições como a intuição, são algumas das provas de que há um campo que ressoa coletivamente.

Na constelação sistêmica, mais especificamente, é este campo que se busca deixar atuar. Dentro dele, o passado e os mortos também atuam, na medida em que não são apenas objetos num mundo físico que já passou, mas participam de uma dimensão psíquica e energética, dentro da *psique* dos vivos mormente (cf. Hellinger 17, e Arantes 6-9). Não se trata aqui de crenças, mas de formular inovadoramente classificações e nomes, ou seja, tentar levar à ciência fenômenos que se apresentam muitas vezes, e tem certos usos há muito tempo na humanidade.

Se pensarmos em termos de Campo, veremos que ali deve haver um tipo de homeostase, ou seja, de equilíbrio dinâmico, e portanto algum tipo de ordem, manutenção. Na questão familiar, as Constelações Familiares falam em “ordens do amor”, do dar e receber, dos bloqueios e dos fluxos que visam adequar-se ao campo familiar criado. Quando formamos uma nova família, abrimos um outro campo que interage com campos anteriores de cada uma das pessoas. Assim, podemos pensar sobre a dimensão do rejeitado e da cultura de paz. Rejeitar, excluir, traz sempre algum desequilíbrio um campo.

Por conseguinte, praticamente, se ocorre aumento de criminalidade na sociedade, não devo encarar isto a partir de fatos isolados. Não apenas as causas são sistêmicas (uma sociedade baseada na injustiça, desigualdade econômica e exclusão do pobre etc), mas os efeitos o são, ou seja, há uma mútua reverberação entre causas e efeitos, assim como entre criminosos e não criminosos. O que ocorre são efeitos de violência e instabilidade, manifestado em depressões, em medos, em neuroses, em repressões e efeitos sociais deletérios, efeitos que reverberam como numa rede, a rede social. Do individuo à família, da família à sociedade, grupos, estados, países. Acrescente-se aí o elemento

intrínseco que por ora não podemos aprofundar, do humano ao seres não-humanos numa rede comum, a rede *ecológica*.

O Campo se faz presente quando abrimos espaço. Sabemos bem do efeito dos lugares, dos climas físicos sobre nossa saúde, e sabemos também, mesmo que com menor conhecimento, dos efeitos dos climas emocionais e energéticos sobre nosso comportamento, estado de ânimo, emoções e até sobre o que pensamos. Aí dentro inclui-se o que a filosofia hindu vai chamar de “carma”, ou seja, marcas mentais coladas a ações, pensamentos e emoções, que se reproduzem e seguem no tempo através das *repetições*. Bater na mesma tecla; já vi esta história antes. Carma tem justamente esta idéia de ação como reação, em geral com perda de liberdade e flexibilidade, perda de amplitude, de novidade e alteridade. Impõe-se silenciosamente aí uma responsividade e automatismo do conhecido, familiar, mas não meditado, sem autêntica liberdade.

Podemos matar o outro, excluir uma comunidade inteira, como quem extrai elementos da natureza como recursos naturais, bens; mas o preço sistêmico é evidente a cada dia, *os netos sentiram o amargo das ervas perigosas que os antepassados ingeriram*, idéia bíblica. Na alma das pessoas, na psique, ficam dívidas que muitas vezes não sabemos bem quais e nem de onde vem e como se sustentam. “Por isso, toda tentativa de excluir uma pessoa ou de livra-se dela são fadadas ao fracasso.” (idem, p. 17). Quanto mais se tenta exterminar, mais o Outro atua em nós. Assim surgem os boicotes, os fracassos, os efeitos futuros. O reprimido retorna, diz Freud, e reclama um lugar adequado, diz Hellinger, modelo agora aplicado ao campo social, à cultura de paz. Já o filósofo W. Benjamin diria que o reprimido está sempre lá, dentro dos restos da História, mas que atua em silêncio no hoje e no futuro clamando redenção, justiça.

Sobre as ligações do campo com a **consciência**, é fundamental atar, pois é pela consciência e suas reações que se percebe algo deste campo que antecede à razão comum. Por ela se pode tentar perceber, ou diríamos melhor, sentir, a presença ou efeitos de exclusão e de violência. Num nível muito simples, pode-se apelar para uma conhecida análise de consciência, no sentido moral e não tanto cognitivo teórico, ou seja, “ponha-se a mão na consciência”; há peso na consciência ? Sua consciência dorme tranquila verdadeiramente, ou está endividada, ou inquieta demais, ou não encontra repouso e isto tem a ver com dimensões sistêmicas feridas ou desequilibradas ? É claro que em situações como a da perda de capacidade para sentir socialidade, perda de intersubjetividade, narcisismo patológico e coisas do gênero não nos cabe agora interpor.

A noção de campo é sistemicamente bem útil, pois nos interconecta com os outros e com a vida no sentido psíquico (neste sentido vale verificar as últimas investigações de Jung antes de morrer, além da noção de ID coletivo que ele cunhou) e biológico, e pode reduzir o olhar reducionista e individualista que separa os bons dos maus e assim gera uma violência justificada moralmente, pela pseudo “boa consciência” inclusive. Hellinger aponta que o custo de manter uma boa consciência excludente, que põe o negativo e sua sombra e a própria Alteridade e o mal embaixo do tapete, pode ser muito alto. Energia demais se precisa para lutar contra a Sombra, sendo que ela de fato não está fora apenas, mas dentro da *mente* (concebida de modo alargado) ou pelo menos da consciência familiar e coletiva do indivíduo. Neste processo, deprime-se muito do ânimo ou da energia pessoal. Durezas, asperezas, irritações, raivas, frustrações podem se apresentam comumente; um desgaste sem finalidade e um esgotamento do estado de espírito pessoal relativo às interações com a família e sociais em geral. Considero que há como que uma lei de natureza de caráter intersubjetivo, de co-ligação e equilíbrio, onde um todo maior arrasta cedo ou tarde a parte, mesmo que de modo não determinista. Por exemplo: o narcisismo tem um preço caro de má solidão.

Se com a ética racionalista ou kantiana somos convidados a uma boa consciência moral pela autonomia da razão que temos e que bem devemos utilizar, a visão apresentada agora vai mais além, é freudiana e pós, e mais concreta, pois devemos levar em conta os movimentos inconscientes, sistêmicos e emocionais da consciência. Como será que nossa consciência reproduz sutilmente, materializada em nossos atos, comportamentos, as formas de ver e afirmar o mundo e nossas verdades e de nosso grupo, em oposição e negação da alteridade e da Sombra ?

“Todo grande conflito termina em fracasso. Por que? Porque nega o que é evidente e projeta

no exterior o que só pode ser resolvido na própria alma.” (idem, p. 21)

Como se pode pensar então, neste contexto a **PAZ**, é a próxima questão que nos propomos. Muito já fica claro dos limites e possibilidades disso. Cabe agora, ainda seguindo algo de Hellinger, dizer que existe um impulso essencial ao lado do que falamos da consciência ligada à vontade de sobrevivência e a de extermínio, que é a aproximação ou as relações amorosa entre os seres humanos. O homem tem sido *sapiens* e *demens*, sábio e demente, anjo e demônio, enfim, humano demasiadamente humano, diria Nietzsche. Um exemplo-chave disso é dado pelo autor com o casamento, onde pessoas de grupos diferentes se unem em novos grupos, as diferenças procuram se unir, o que não deixa de ser algo complexo. Uma outra ligação é o intercâmbio entre o dar e o receber. Novamente, os grupos e pessoas não vivem sem um sistema de trocas, não apenas como econômica, mas como economia simbólica, como vida cultural e social, como relações humanas, onde aprendemos a ser, nossos limites e possibilidades, e ali nos colocamos e sentimos como parte da sociedade, úteis, valorizados, dignificados e prestativos, bem como cuidados.

Tais disposições humano-sociais podem alavancar o que chamo de *tecnologias sociais*, formas, métodos, práticas e institucionalidades que aprendem algo do campo de ressonância sistêmica, ou da magia do círculo e do encontro, onde pode falar a voz que vige *anterior* aos conflitos. Não é uma tecnologia tão complexa e mecânica quanto possa soar o termo, mas algo construído ao longo dos tempos e culturas que aprendem a lidar com seus conflitos, sob condição de não sobreviverem ou não terem “uma vida boa sob instituições justas” (ideal político-social apontado por Paul Ricoeur em *Si mesmo como um outro*).

Para além do *polemos*, inerente à socialidade que conflita por “natureza”, ou então, por “cultura”, podemos encontrar o *ágape* e a *filia*, comum união e amizade, ponto onde um tem atenção ao outro, numa semelhante consideração de interesses pois há uma sabedoria construtiva para além do auto-interesse do egocentrismo. Tal o atestam grandes filósofos, grandes religiões e a experiência cotidiana do cultivo de virtudes das gentes. Queremos ficar na paz. Não é necessário ser moralista, religioso ou filósofo para saber do valor do estar em paz com os outros e portanto consigo mesmo, consigo e portanto com os outros, numa via de mão dupla.

Um bom intercâmbio, um bom sistema do *dar e receber* apenas faz crescer a satisfação e a vontade de apoiar o outro. E faz-se ainda mais interessante, quem muito dá, no nível das virtudes em geral, muito pode receber pelo próprio fato de que a doação é realizadora, desde que não esteja em teias neuróticas e de carências ocultas, mas no nível da gratidão e gratuidade. O que sabemos em geral é que um bom doador – doador de atenção, de respeito, dignidade, consideração, apoio, presença de espírito, solicitude – é alguém que geralmente colhe bons frutos disso, e passa a ser uma pessoa agradável, que traz conforto e alegria; e nesta via, a tendência é que tal pessoa seja muito apoiada quando necessite, seja cuidada e por vezes elevada a pessoa canalizadora de sociabilidade e pacificação em uma comunidade.

Por conseguinte, voltando a Hellinger, a **paz interior**. A ênfase é que o conflito está enredado interiormente e exteriormente, muitas vezes ele já existe de modo latente, formatado no próprio histórico do grupo ou pessoa, ou pelo seu “carma” (ação e reação continuada); ele já é cultivado junto às emoções negativas e pensamentos sombrios não bem percebidos e reprimidos da consciência do indivíduo, ou até auto-justificados. Mas quando aparece a oportunidade, projeta-se e lança-se para fora, em momentos de ação raivosa, visivelmente, ou como sintoma sutil. A psicologia budista ensina que devemos olhar uma intenção ou o surgimento de uma disposição humana e emocional incessantemente e com método. Por exemplo, no nível grosseiro primeiramente, onde é clara a ação errônea ou a geração de prejuízos; mas não pára aí, segue a verificar o nível oculto, como o faz a psicologia por exemplo, ver camadas reprimidas, necessidades e frustrações ocultas, traumas presentes; e, indo ainda mais adiante, auscultar profundamente, sobre o nível *sutil*, onde se exige muita paciência, cultivo de virtudes, meditação, esforço corporal e mental, e também muita flexibilidade e senso de humor relativizante – visto o peso que carregamos e projetamos a partir do eu e suas auto-defesas (vergonha, auto-comiserações, culpabilidades, mágoas etc).

O ponto a que chegamos da paz interior, é muito rico explorar pois há hoje várias práticas do cuidado de si e da vivência de virtudes e até de espiritualidade que podem ser úteis para pensar o

equilíbrio ou boa condução de constelações sociais. (Um exemplo é o trabalho que iniciamos numa parceria entre a UFPE e a Secretaria das Cidades de Pernambuco, onde propomos o uso de tecnologias sociais em presídio, tais como meditação, teatro do oprimido, roda de diálogo, contação de histórias, música, além dos tradicionais exercícios físicos.) Trata-se de usar meios mais arrojados e possíveis, quebrando preconceitos, para superar os mecanismos de violências que se encarnaram não apenas nas ruas, mas em nossas instituições sociais, no *modus* de ser.

Nesta visão, os *bons* e o *stablishment* precisam dar-se conta urgentemente do seu lado perigoso e mau, dentro de sua boa consciência; enfrentar, como diz Hellinger, o sentimento de culpa e a má consciência; e dar contas de suas dívidas sociais, diríamos. Eles concedem aí lugar aos que foram por eles rejeitados, exclusão que se faz sem o admitir (ex.: desigualdade econômica é grande *causa mortis* de incontáveis pessoas). Assim, pode-se perceber os padrões pelos quais atuamos, a indiferença para com o apelo da alteridade no rosto chocante do excluído – diria Levinas e Dussel.

Como então **promover paz** neste contexto ? Nossa última questão é a parte mais prática, e exige certamente pensar em métodos, pois precisamos casar a intenção, a motivação, com os meios hábeis para realizar o que quer que seja. Realizar transformações, pois nada permanece muito tempo igual. O primeiro ponto que fica claro é a dimensão de complexidade do tema conflito e paz, uma parte se liga à outra, e podemos ver isto quando analisamos a fundo um pequeno ato nosso de violência e chegamos a outras raízes, por exemplo, de necessidades nossas não satisfeitas, perdas, não aceitação, negação etc. Elencaríamos algumas dimensões envolvidas por ora, dentro desta paz interior que se liga com as ações exteriores: tomar consciência de como vemos o mundo, que padrão de olhar e portanto de relação estabelecemos com a vida, envolvida em que emoções ? Medo, desejos, carência, tristeza, alegria, receptividade etc. ? Um esforço teórico e prático, corporal vital e psicológico é exigido neste momento, pois a cegueira pode ser sutil e habitar uma pseudo normalidade que tem orientado nossos passos. Saber ver em profundidade, saber ouvir, sentir, parar e perceber o que está ocorrendo em cada situação. Desacelerar para perceber a paisagem, ou seja, que paisagem construímos a cada momento, e lugar, ou que repetimos, e como podemos mudar tal paisagem mental (consciência), e assim a social aí integrada.

Uma abertura de consciência está em jogo, não por mero interesse teórico ou formal, mas por necessidade de barrar a violência branca ocultada sob os mantos do sistema das coisas normatizadas – a bom exemplo do mercado e suas exclusões.

Para Hellinger, a paz começa onde termina a vontade de extermínio, momento em que o indivíduo reconhece que não podemos separar entre bons e ruins; todos estamos enredados, como a teia ecológica em suas várias expressões, multitude de uma unidade dinâmica, equilíbrio pulsante pois a vida é movimento, e, portanto, conflito e suas resoluções. O caminho para a paz é preparado por um amor aberto, leve, acolhedor, “o grande amor que está além do bem e do mal, além dos grandes conflitos” (idem, p. 23). *Além do certo e do errado, existe um lugar; somente ali nos encontraremos* (Rabindranath Tagore).

A meu ver, são vários os mecanismos que atuam para a cultura de paz, muitos deles nem se utilizam deste termo, nem de teorias. Há, contudo, pontos em comum, e há o foco da motivação cultivada, quando nos encontramos em meio às diferenças; ali está o ânimo (alma) e a coragem, necessários aos tempos de violações excessivas.

Bibliografia

HELLINGER, Bert. *Conflito e paz – uma resposta*. SP: Cultrix, 2007.

FREUD, S. *O mal estar na cultura*. RJ: Imago (obras completas).

JUNG, C. G. *Civilização em transição*. RJ: Vozes, 1993.

NIETZSCHE, F. *Para além do bem e do mal*.

PELIZZOLI, Marcelo L. (org.) *Cultura de paz – educação do novo tempo*. Recife: EDUFPE, 2008.

_____ (org.). *Cultura de paz – alteridade em jogo*. Recife: EDUFPE, 2009.

_____ *Correntes da ética ambiental*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Levinas: a reconstrução da subjetividade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. *Homo ecologicus*. Caxias do Sul, Educs, 2011.

ROSEMBERG, Marshall. *Comunicação não violenta*. SP: Ágora, 2006.

SHELDRAKE, Ruppert. *Seven experiments that could change the world*. Londres: Fourth Estate, 1994.

ZEHR, Howard. *Trocando as lentes: um novo enfoque sobre o crime e a justiça*. São Paulo: Palas Athena, 2008.